

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O REFLEXO DA INTERAÇÃO PROFESSORES/ALUNOS NA
APRENDIZAGEM: O CASO DA ESCOLA SÃO FRANCISCO DE
ASSIS N°3064-CAZENGA, 2022/2023**

Autor: Hélio Macongo

Orientador: Lic. Emanuel Sacuayela Calueio

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O REFLEXO DA INTERAÇÃO PROFESSORES/ALUNOS NA
APRENDIZAGEM: O CASO DA ESCOLA SÃO FRANCISCO DE
ASSIS N°3064-CAZENGA,2022/2023**

Trabalho de fim de curso apresentado ao Instituto
Superior de Angola como requisito para obtenção do
grau de Licenciatura, sob orientação do Professor:
Lic. Emanuel Sacuayela Calueio

Autora: Hélio Macongo

Orientador: Lic. Emanuel Sacuayela Calueio

LUANDA, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O REFLEXO DA INTERAÇÃO PROFESSORES/ALUNOS NA
APRENDIZAGEM: O CASO DA ESCOLA SÃO FRANCISCO DE
ASSIS N°3064-CAZENGA,2022/2023**

O JÚRI

1- Presidente _____

2- 1º Vogal _____

3- 2º Vogal _____

4- Secretario _____

CLASSIFICAÇÃO: _____

Data da Monografia ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais Antonio Macongo e Maria Miguel, em memória, porque a realização deste sonho compreende uma satisfação sublime dos seus desejos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pela vida, saúde e transformação deste sonho numa maravilhosa realidade.

Ao Instituto Superior de Angola pela oportunidade da formação.

A minha família, pelo empenho directo na minha formação.

Agradeço ao Programa Social Com Crianças (POSOCA) com realce a dona Marilina de Carvalho, Dra Argentina Bento, Pastora Suzana Sapalo e Professor António dos Santos (Man Tony).

Agradeço, de forma especial aos Senhores Tomás Bica, Antônio Domingos (Tony Mulato), por tudo que fizeram por mim.

RESUMO

O presente trabalho busca conhecer a relação entre professores e alunos na escola São Francisco de Assis. Nº 3064 – Cazenga. Tendo como pergunta de partida: Qual é o reflexo da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem da escola São Francisco de Assis? Assim formulou-se as seguintes Hipóteses: H1: A interação professor-aluno facilita a aproximação e viabiliza a aprendizagem. H2: A interação professor/aluno na escola, São Francisco de Assis, desperta aos alunos a vontade de permanecer na escola. Objectivos: Conhecer a relação entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem na escola São Francisco de Assis. Nº 3064- Cazenga. Objectivo Específico: Identificar as práticas adotadas para fortalecer esta relação; Analisar o ambiente escolar e os factores que propiciam a aprendizagem; Contribuir com sugestões úteis com vista a construção de um relacionamento saudável entre os intervenientes do processo de ensino e aprendizagem. A população foi composta por 450 Pessoas. Relativamente a amostra, foi constituída por 12 individuos entre director, professores e alunos da mesma instituição. Usou-se técnicas de recolha de dados: de nível teórico, histórico - lógico e analítico sintético. A nível empírico usou-se a entrevista por questionário e observação, matematicamente, usamos o estatístico para representar em gráficos. O tipo de pesquisa foi descritivo com abordagem mista. Foi possível constatar a forma como a comunicação fluí na sala de aula, bem como a forma que os professores e os alunos cumprem o seu papel, permitindo assim, a criação de um clima saudável para escola e para aqueles que desejam formar-se na mesma Instituição.

Palavras-chave: Reflexo, Professor-Aluno, Aprendizagem

ABSTRACT

The work focused on understanding the relationship between teachers and students in the teaching and learning process at the São Francisco de Assis school. nº 3064 – Cazenga. Describe the concepts of interaction between teacher and student; identify the practices adopted to strengthen this relationship; contribute with proposals to improve this action in that institution. The population is made up of 450 people. Regarding the sample, it is made up of 200 residents of Cazenga, including students, teachers and the community leader. Data collection techniques were used: theoretical, historical-logical and synthetic analytical. Empirically we use questionnaire interview and observation, mathematically we use statistical to represent in graphs. The type of research was descriptive with a mixed approach. The main conclusions were: The way communication flowed in the classroom was visible, it was notable that teachers and students fulfilled their role. Thus allowing the creation of a healthy climate for the school and for those who intend to graduate from that Institution; that the impact of interaction with the teacher on student learning can be positive, allowing good academic performance, thus responding to our hypothesis in a positive sense. Therefore, we suggest the following: That there be greater openness to dialogue to establish a good relationship between teacher and student; creating a culture of feedback is one of the ways to encourage listening and improve education; This happens because it allows the teacher to better understand the needs of students and what can be done to meet them.

Keywords: Reflection, Teacher/Student, Learning

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT	IV
INTRODUÇÃO	1
Hipóteses	2
Objectivo Geral.....	2
Objectivo Específicos	2
Delimitação e Limitação	2
JUSTIFICATIVA	2
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	3
1.1. DEFINIÇÕES DE TERMOS E CONCEITOS	3
1.1.1. Reflexo	3
1.1.2. Interação	3
1.1.3. Professor.....	4
1.1.4. Aluno.....	4
1.1.5. Aprendizagem.....	5
1.2. A Relação do Professor aluno.....	5
1.2.1. Autoridade e Auturitarismo	10
1.2.2. O Professor e Sua Prática.....	14
1. 3. A Interação na Relação Professor-Aluno.	18
1.4. A Afetividade	19
1.5 As complicações na fase de Adolescência.....	21
1.6.O reflexo da Aprendizagem.....	24
1.6. Ensino/Aprendizagem	25
1.7. A Importância da Comunicação no Sentido de Ensinar e Aprender.....	26
CAPÍTULO II – MATERIAL E MÉTODOS	29
2.1 Nível Teórico	29
2.2.Tipo De Pesquisa.....	30
2.3. Modelo De Abordagem	30

2.4. População E Amostra.....	31
2.4.1. População	31
CAPÍTULO-III RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
CONCLUSÃO.....	43
SUGESTÕES	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho subordinado ao tema, o reflexo da interação professor-aluno na aprendizagem é uma oportunidade para uma abordagem sobre os problemas que ocorrem na sala de aula. Neste sentido, quando a relação do professor com os alunos não for saudável, haverá um sentimento de medo e consequentemente resultará em desinteresse na aprendizagem dos conteúdos.

Para Lopes (2009 p.1) A escola, é a única instituição demarcada com possibilidade da construção sistematizada do conhecimento pelo aluno, foi de fundamental importância a criação de condições favoráveis, nas quais alunos e professores podem refletir sobre sua prática e passarem a actuar num clima mais salutar.

Sabe-se, que o acto didático é composto por três elementos básicos: O professor, a matéria e o aluno. Outros elementos entram na composição do fazer pedagógico como as actividades, recursos e o domínio da matéria.

Sengundo Libaneo (2009) é importante considerar dois aspectos nessa relação: O cognitivo e o socio Emocional. O aspecto cognitivo, está relacionado a forma de comunicação dos conteúdos escolares, as tarefas indicadas aos alunos e ao Movimento que transcorre no acto de ensinar e aprender. Ao dar sua aula, apresentar conteúdo, colocar problemas e propor exercícios. O professor estará a colocar tarefas cognitivas aos alunos, que por sua vez, já possuem potencialidades de entendimento que variam de acordo com a idade, o desenvolvimento mental e as experiencias de vida.

Quanto ao aspecto socio-emocional este se refere aos laços afectivos entre professores e alunos bem como a disciplina da aula, isto é, as normas e exigências que devem reger a conduta dos alunos durante a aula. Não se trata de afecto do professor para com alguns alunos, nem de amor paternal ou maternal, que devem ser evitados. Muitas vezes, essa relação professor-alunos fica comprometida quando o primeiro usa da sua autoridade para oprimir os alunos, com arrogância e petulância interferindo na aprendizagem dos alunos. Tendo em consideração essa situação, formulamos a seguinte pergunta de partida: Qual é o reflexo da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem da escola São Francisco de Assis.

Hipóteses

- ✓ A interação professor-aluno facilita a aproximação e viabiliza a aprendizagem.
- ✓ A interação professor/aluno na escola, São Francisco de Assis, despertam aos alunos a vontade de permanecer na escola.

Objectivo Geral

- ✓ Conhecer a relação entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem na escola São Francisco de Assis. Nº 3064 – Cazenga.

Objectivo Específicos

- ✓ Identificar as práticas adotadas pelo professor ao fortalecer a relação com os seus alunos na escola, São Francisco de Assis;
- ✓ Analisar o ambiente escolar e os fatores, que propiciam a aprendizagem, na escola São Francisco de Assis, Município de Cazenga.
- ✓ Contribuir com propostas uteis, na construção de um relacionamento saudável entre os intervenientes, do processo de Ensino/Aprendizagem.

Delimitação e Limitação

Este trabalho foi desenvolvido num período de aproximadamente 6 meses, fizeram parte da mesma, director, professores e alunos da escola São Francisco de Assis. Nº 3064 – Cazenga, e o estudo foi realizado nesta mesma instituição.

JUSTIFICATIVA

A escolhemos este tema porque é notório no ensino geral um conflito entre professores e alunos e que chega a beliscar o aproveitamento do aluno e em alguns casos transcende a comunidade. As instituições esqueceram que antes do professor transmitir o conteúdo precisa ganhar a confiança dos seus alunos e permitir que flua uma comunicação e relação interpessoal. No âmbito académico este trabalho ajudará aos pesquisadores para consulta permanente, permitindo uma atualização sobre o tema em questão, no âmbito social, a sociedade ganhará conhecimento específico pelo facto de ser um estudo de caso.

I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. DEFINIÇÕES DE TERMOS E CONCEITOS

1.1.1. Reflexo

Segundo Piéron (1969, p.368-370) reflexo é uma reacção corporal automática a estimulação, o reflexo corresponde a toda e qualquer actividade ou variação de actividade, de um grupo de factores que possa ser provocada de maneira regular pela estimulação natural ou experimental de um receptor ou de receptores determinados.

Libaneo (2004) O termo reflexo prove do Latim e tem vários usos. Um reflexo pode ser uma resposta involuntária e previsível perante um estímulo.

Na visão de Haydt (2011), Quando se fala de reflexo, está a referir-se da causalidade ou efeitos que a interação professores-alunos provoca no processo de ensino e aprendizagem e estes efeitos podem ser positivos ou negativos.

1.1.2. Interação

Para Degenne (2009) citado por Haytd (2011) A Interação é um tipo de acção, que ocorre entre duas ou mais entidades, quando a acção de uma delas provoca uma reacção da outra ou das restantes. Em ciências sociais, a interação refere-se a todas as acções recíprocas entre dois ou mais indivíduos, durante as quais há compartilhamento de informações. A interação é dita social não somente por produzir significado, mas também por se inscrever num contexto que influencia acções de um indivíduo.

Interação é um processo que envolve duas ou mais pessoas e leva a conquista do afecto e a construção do conhecimento por parte das mesmas. O valor pedagógico da interação humana é ainda mais evidente, pois é por intermédio da relação professor-aluno, que o conhecimento vai sendo coletivamente construído. (Fernández,1998).

No ponto de vista de Haydt (2011), Interação é uma forma de relacionamento que pode ser vista de diferentes formas. Uma dessas formas é a relação social. Do ponto de vista sociológico uma interação social representa uma troca elementar de curta duração, enquanto uma relação social envolve uma sequência de interações entre as mesmas pessoas ao longo do tempo.

1.1.3. Professor

Para Weber (1987) citado por Rosa (1999) Professor é uma pessoa, que se dedica profissionalmente a docência, seja de forma geral ou especializada em determinada área do conhecimento. Parte da função pedagógica do professor é facilitar a aprendizagem para que o aluno alcance da melhor maneira possível o conhecimento. O termo professor vem do latim *professus*, que significa aquele que declara em público. Para exercer a sua profissão, o professor deve possuir uma certa competência pedagógica geralmente adquirida através da experiência ou de uma formação especializada.

No entender de Fernández (1998), Professor é definido como transmissor de conhecimento de um modo geral, que concebem o processo de ensino-aprendizagem, integrado e destaca o papel do aluno desde os aspectos, Cognitivos, afetivo e instrutivo.

Ser professor implica estar munido de teorias que levam a aprendizagem, técnicas de ensino, treinamento em pesquisas educacionais, engajamento das políticas da sociedade ou da escola onde se insere, e isto se resume numa constante actualização para facilitar a orientação de seus alunos. (Rosa,1999).

1.1.4. Aluno

Para Veiga, (2014) aluno é um conceito de origem latina *Alumnus*, esta palavra permite referir-se ao aprendiz de uma determinada matéria de um professor. O aluno é um agente activo do processo de aprendizagem, sendo incentivado a explorar e construir o conhecimento de forma autónoma. O aluno é um ser eminente inquieto, a procura de constantes respostas as suas indagações, atento a informações que seu ambiente proporciona.

Fernández (1998), define ainda o aluno como sendo um indivíduo que encontra-se na posição de receptor de conhecimentos para formação multilateral da sua personalidade, embora o processo de ensino e aprendizagem exige a sua participação activa.

1.1.5. Aprendizagem

No processo de ensino-Aprendizagem a relação do professor e os alunos, não deve ter como cerne, somente o conhecimento resultante através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. (MORIN, 2016, p.38).

Aprendizagem é o processo de aquisição de conhecimento, que culmina com a mudança de comportamento, e neste processo o professor deve posicionar-se como facilitador. (PADILHA, 2017, p.2).

Aprendizagem é uma integração dialética entre o professor e os alunos que tem como propósito essencial contribuir para a formação integral da personalidade do aluno. (FERNÁNDEZ, 1998).

Na visão de Carmo (2015) citado por Padilha (2017), Aprendizagem é o processo pelo qual as competências, habilidades. Conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos e modificados como resultado de estudo de estudo, experiência, formação raciocínio e observação. A aprendizagem é uma das funções mentais, mais importantes em humanos.

1.2. A Relação do Professor aluno

A relação do professor aluno é muito importante não apenas para o desenvolvimento cognitivo do aluno, mas também para a construção do conhecimento afectivo. O professor não deve apenas transmitir a informação ou fazer perguntas, mas ouvir os alunos, dar-lhes atenção e cuidar para que tenham a palavra e possam expor, suas opiniões. A importância disto está no facto de que ao tomar a palavra e expressar suas opiniões, o aluno como está reagindo a actuação do professor, quais as dificuldades que está tendo, quais as causas dessa dificuldade. Para que se tenha uma interação satisfatória no aspecto cognitivo, é preciso que o professor leve em conta os seguintes aspectos:

- ✓ O maneggio dos recursos de linguagem como por exemplo a variação do tom de voz, falar com simplicidade sobre os temas complexos, usando um vocabulário adequado.
- ✓ Conhecer bem o nível de conhecimento dos alunos; Explicar aos alunos o que se espera deles quanto a assimilação da matéria.

1.2.1. O recurso da comunicação entre professor – aluno

A comunicação exige um processo de reciprocidade, ou seja, devida interação entre emissor e receptor. Neste sentido, não basta o professor apresentar conteúdos no intuito de favorecer a aprendizagem, nem tão somente o escutar do aluno para aprender.

Segundo Rodrigues (1976), A comunicação eficaz acontece na interação. Todavia, há diversos recursos que podem potencializar tal interação, favorecendo o ensino e a aprendizagem. Para uma boa comunicação, antes de tudo, é preciso saber a quem se comunica. Aqui se ressalta o papel do professor, pois ele será de antemão o iniciador da relação comunicacional com seus alunos.

Cientes de se estar diante de adolescentes, no ambiente acadêmico, é importantíssimo que se entenda que esta relação exige didáctica diferenciada das demais formas de ensino, a saber, ensino fundamental e médio.

Sentem-se responsáveis pelo seu processo de aprendizagem; a Motivação para aprender, considera as motivações externas – ex. melhores salários – porém, valorizam particularmente as internas, relacionadas com a vontade, realização pessoal, autoestima, dentre outros; O papel da experiência que considera as experiências diversas acumuladas durante toda a vida, social e escolar; por fim, a Prontidão para o aprendizado, supondo que o aluno adulto está pronto para aprender porque decidiu aprender. Outro elemento para a comunicação, como já fora dito, é a afectividade.

Ela é um elemento imprescindível para uma boa comunicação, uma vez que a comunicação se dá num ambiente interacional, ou seja, nas relações interpessoais. Portanto, para que esta relação seja produtiva, no contexto de ensino e aprendizagem, vale ressaltar aqui a importância de se desenvolver a empatia. Pode-se entender empatia como capacidade de sentir aquilo que outro pode vivenciar.

É notório que quando se estabelece uma relação empática, naturalmente se desperta maior interesse pelo conteúdo a ser apresentado. As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem.

Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola.

Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendiz tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens (RODRIGUES, 1976, p.179).

Uma forma de potencializar esta comunicação no âmbito educacional é estar atento aos cenários que os alunos estão inseridos.

A partir daí o docente desenvolve uma linguagem que atenda às necessidades e debilidades de seus interlocutores, ao mesmo tempo em que reconhece os diferentes níveis dos alunos presentes.

Por isso, é importante considerar a leitura destes cenários uma vez que no ambiente de ensino superior se encontra pessoas que estão bem preparadas pedagogicamente, e outras nem tanto.

A sala de aula é um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade e heterogeneidade de idéias, valores e crenças (Valdez, 2002, p.24).

A utilização da tecnologia, mídias audiovisuais, pode facilitar a comunicação em sala de aula, pois os avanços tecnológicos favorecem diversas ferramentas que colaboram com este fim.

Para Gil (2007) aulas em que prevalece exclusivamente a exposição verbal, mostram pouco eficientes em prender a atenção dos estudantes. No entanto, afirma que: Dentre os factores que concorrem para a retenção do saber, os mais importantes são os de interesse do estudante, a concretude da experiência, a organização do conteúdo e sua repetição.

Assim, os recursos tecnológicos tornam-se muito úteis para proporcionar uma aprendizagem mais permanente. Os recursos tecnológicos favorecem apresentações bem organizadas. Os recursos tecnológicos favorecem a retenção à medida que possibilitam a frequente repetição sem monotonia. O que é dito oralmente pode ser lembrado com a apresentação de um cartaz ou com uma projecção de uma transparência, por exemplo. (GIL, 2007, p. 222).

É urgente a necessidade de os docentes aprenderem manusear tais ferramentas, cientes que os discentes já estão imersos na chamada “cultura tecnológica”.

Essas ferramentas ajudam a assimilação do que foi apresentado através de representações que reforçam o conteúdo dado. Outro factor importante para a comunicação é de despertar no seu interlocutor a curiosidade.

Conforme TIBA (1998), Ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade. Associando estes dois atributos, pode surgir a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade.

O espírito aventureiro instiga às descobertas. Dessa forma o professor pode criar situações de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe propõem; intervindo pouco, muito ou nada, o professor coloca os alunos como sujeitos de sua própria reflexão, utilizando-se dessa maneira da própria curiosidade natural, para fomentar a aprendizagem (TIBA, 1998, p.46).

Então seu sistema nervoso central ordena seu mecanismo vocal para exprimir o objectivo. Seu mecanismo vocal, que actua como codificador, produz a mensagem, que, por sua vez, é transmitida por ondas sonoras pelo ar, para que os alunos a recebam. Estas ondas sonoras constituem o canal. Os alunos são os receptores. Seus mecanismos auditivos são os de codificadores, que decodificam a mensagem em impulsos nervosos e remetem-na ao sistema nervoso central, produzindo o entendimento da mensagem. A eficácia da mensagem, por fim, pode ser verificada por meio de feedback, que consiste numa mensagem fornecida pelo receptor ao emissor, indicando o entendimento da mensagem.

A comunicação é um processo de inter-relação entre as pessoas e sua eficácia tem a ver não apenas com as habilidades da transmissão, mas também com as características da mensagem, com o canal em que esta é vinculada, com a disposição de receptor e com o oferecimento de feedback. (GIL, 2007, p.136).

No entanto, é preciso atentar a importância de cada passo no processo de comunicação, para tornar eficaz a transmissão do conteúdo. Cabem ainda alguns recursos, como já o dissemos, para fortalecer a mensagem transmitida na exposição oral, como por exemplo, a utilização de imagens, vídeos que favoreçam a assimilação e compreensão do conteúdo apresentado na fala. “A comunicação oral possui princípios comunicativos próprios, que não se limitam somente aos níveis verbal e vocal, mas também ao nível gestual” (GOULART, 2005, p. 37).

Dessa maneira entendemos que a fala acompanhada por gestos que correspondam à mensagem que se quer transmitir facilita a compreensão do conteúdo. Há outros elementos que potencializa a expressão oral, como o despertar a emoção mediante o conteúdo.

Para Gil (2007), O contacto do olhar gera segurança e confiança em um diálogo. Toda a acção docente é dialógica, portanto, o contacto visual é considerado fundamental na relação professor e aluno.

Não apenas porque constitui importante elemento para favorecer a adesão dos estudantes, mas também porque ajuda a avaliar o impacto das apresentações, favorecendo ajustes posteriores (GIL, 2007, p.142).

Visto dessa forma, a comunicação oral em sala de aula exige constante avaliação e adequação do professor, como facilitador da interação com o aluno. É importante ressaltar que as pistas acima não abrangem a totalidade das possibilidades de desenvolvimento da comunicação oral.

No entanto, cabe também a criatividade do docente para estabelecer uma comunicação com seus alunos, avaliando os vários cenários presentes, para favorecer a aprendizagem

1.2.2. Autoridade e Autoritarismo

Do ponto de vista das relações entre a autoridade e autonomia, a relação professor – aluno não está isenta de conflitos. A autoridade é um atributo da condição profissional do professor e produto de suas qualidades intelectuais, morais e técnicas e deve ser exercida como estímulo, ajuda para o desenvolvimento autónomo do aluno e não para cerca-lo. Haydt (2006).

Na visão de Libaneo (2009), a autoridade do professor e a autonomia do aluno são dois polos do processo pedagógico, aparentemente contraditórios, mas *defacto* são complementares. O professor exerce o papel de mediador entre o indivíduo e a sociedade, posto que é seu representante. Por sua vez, o aluno tem sua liberdade individual condicionada pelas exigências do grupo social e pelas exigências da própria situação pedagógica e isso implica responsabilidades. Dessa forma a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade.

Muitas vezes em nome da autoridade o professor apresenta-se como superior e humilha os alunos fazendo imposições descabidas, tornando-se autoritário. O autoritarismo é a exacerbação da autoridade e não é educativo mas sim punitivo, já que não contribui para o crescimento do aluno, servindo apenas para traumatizá-lo, desmotiva-lo e deixá-lo inseguro. O professor autoritário não exerce a autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência do aluno, transforma uma qualidade inerente a condição do profissional professor numa atitude personalista. Libaneo (2009).

1.2.3. As consequências da autoridade dos professores em sala de aula

O processo de aprendizagem, que se dá num ambiente interacional, permeado pelas relações interpessoais, evoca-se um elemento que tende a corroborar, ou não, com a transmissão da mensagem, no processo comunicacional em sala de aula: a autoridade do professor.

Faz-se necessário uma breve explanação de seu conceito e suas implicações, no âmbito da comunicação, na relação professor e aluno. A autoridade equivale ao direito legalmente estabelecido de se fazer obedecer. Porém, no ambiente acadêmico o termo assume novo significado.

Segundo Vasconcellos (2009), a noção de autoridade autêntica do professor está ligada à ideia de autonomia dos alunos. A autoridade pedagógica é uma prática complexa e contraditória, pois a autêntica autoridade leva em si sua negação, isto é, a construção da autonomia do outro.

Podemos compreender autoridade no seu sentido mais radical e transformador que é a capacidade de fazer o outro autor (VASCONCELLOS, 2009, p. 122).

Neste aspecto, compreende-se a autoridade em sala de aula como um facilitador da aprendizagem, o que se coloca contrário a uma relação de mando e execução.

A autoridade, vista desta maneira, pode ser entendida com um recurso pedagógico que colabora com a autonomia dos alunos. Nesta compreensão, o papel do professor, enquanto coordenador do trabalho teria então de reconhecer, negociar, combinar e ajudar a articular essas disposições dos alunos em torno do objecto de conhecimento, da situação de aprendizagem (VASCONCELLOS, 2009, p. 92).

O que se equivaleria a uma autoridade democrática. Um erro recorrente nesta relação se dá numa condição de extremos, ou seja, quando o docente ultrapassa o verdadeiro sentido da autoridade, como promoção da autonomia, valendo-se do autoritarismo, ou mesmo, em nome de uma democratização mal interpretada, ou seja, permissiva, em não fazer uso da autoridade em sala de aula. Os extremos remetem sempre a relações doentias.

O ambiente acadêmico, ao contrário, deve favorecer ao equilíbrio, não os extremos. O professor autoritário se impõe sobre os alunos, as regras são impostas sem discussão, sendo argumento válido somente o que ele manda. Conforme Antunes (2002), este modelo de docente: é aquele que entra na sala de aula acreditando que é o único conhecedor da verdade, despeja a matéria sem se preocupar com o que aluno já conhece sobre o assunto.

Esse tipo de docente parece uma cascata de conhecimentos, não se preocupa como o aluno interpreta a informação que ele passa, ou seja, de que forma

a afirmação chega até o aluno, pois, ele ignora o conhecimento de tudo que o aluno traz consigo.

Ele trata a turma como se todos os alunos tivessem a mesma facilidade de aprender, ele não respeita a individualidade dos seus alunos, que faz com que nem todos aprendam da mesma maneira. (ANTUNES, 2002, p.57).

Com esse modelo entende-se que ter autoridade equivale a ser autoritário com os aprendizes, sem lhes permitir o direito de expor suas posições diante de questões diversas.

No entanto, o aluno se cala frente esta postura coercitiva pelo medo de punições, e não por acreditar na autoridade do docente. Dessa forma, a relação professor aluno, e consequentemente a interação dos mesmos, se enfraquece, criando mais um obstáculo no processo da comunicação em sala de aula.

A autoridade, ao contrário do que se apresenta, não é imposta, contudo, é aceita pelos alunos, pois a entendem e respeitam seu importante papel no processo de aprendizagem. A autoridade reconhecida e respeitada favorece a disciplina, que permite conviver e trabalhar em boas condições. A autoridade imposta suscita submissão e revolta e logo se revela contra produtiva (GUILLLOT, 2008, p.176).

Já o facto de o professor se abster de toda autoridade em sala de aula, criando um ambiente permissivo, gera-se uma educação falha, porque mesmo sabendo que o aprendizado se dá no aluno, o papel do professor é mediar e ordenar o conhecimento, para que seja mais efectivo. O trabalho docente é actividade que dá unidade ao binómio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação activa de conhecimentos, realizando promoção da autonomia, valendo-se do autoritarismo, ou mesmo, em nome de uma “democratização” mal interpretada, ou seja, permissiva, em não fazer uso da autoridade em sala de aula. Os extremos remetem sempre a relações doentias.

1.2.4. A falta de equilíbrio na sala de aulas.

O ambiente acadêmico deve favorecer ao equilíbrio, não os extremos. O professor autoritário se impõe sobre os alunos, as regras são impostas sem discussão, sendo argumento válido somente o que ele manda. Conforme Antunes (2002), este modelo de professor: é aquele que entra na sala de aula acreditando que é o único conhecedor da verdade, despeja a matéria sem se preocupar com o que aluno já conhece sobre o assunto. Esse tipo de professor parece uma cascata de conhecimentos, não se preocupa como o aluno interpreta a informação que ele passa, ou seja, de que forma a afirmação chega até o aluno, pois, ele ignora o conhecimento de mundo que o aluno traz consigo.

Ele trata a turma como se todos os alunos tivessem a mesma facilidade de aprender, ele não respeita a individualidade dos seus alunos, que faz com que nem todos aprendam da mesma maneira. (ANTUNES, 2002, p.57).

Com esse modelo entende-se que ter autoridade equivale a ser autoritário com os alunos, sem lhes permitir o direito de expor suas posições diante de questões diversas. No entanto, o aluno se cala frente esta postura coercitiva pelo medo de punições, e não por acreditar na autoridade do docente. Dessa forma, a relação professor aluno, e conseqüentemente a interação dos mesmos, se enfraquece, criando mais um obstáculo no processo da comunicação em sala de aula.

A autoridade, ao contrário do que se apresenta, não é imposta, contudo, é aceita pelos alunos, pois a entendem e respeitam seu importante papel no processo de aprendizagem. A autoridade reconhecida e respeitada favorece a disciplina, que permite conviver e trabalhar em boas condições. A autoridade imposta suscita submissão e revolta e logo se revela contra produtiva (GUILLLOT, 2008, p.176).

Já o fato de o professor se abster de toda autoridade em sala de aula, criando um ambiente permissivo, gera-se uma educação falha, porque mesmo sabendo que o aprendizado se dá no aluno, o papel do professor é mediar e ordenar o

conhecimento, para que seja mais efectivo. O trabalho docente é actividade que dá unidade ao binómio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação activa de conhecimentos realizados.

1.2.5. O Professor e Sua Prática

Muitos professores, que actuam nas escolas, não se dão conta da importante dimensão, que tem o seu papel na vida dos alunos. Uma das maiores dificuldades que o professor enfrenta em sala de aula e está ligada a regência de classe é o problema da disciplina que, por sua vez, tem ligação com o estilo da prática docente, isto é, com a autoridade profissional, moral e técnica do professor.

A autoridade profissional se refere ao domínio da matéria, dos métodos e procedimentos de ensino. Trata-se do tacto, por parte do professor, em lidar com a turma e com as diferenças individuais e na capacidade de conduzir e avaliar os trabalhos dos alunos e o seu próprio trabalho. Quanto a autoridade moral, refere-se ao conjunto de qualidades da personalidade do professor: Dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça e traços do carácter.

Para Libaneo (2009), um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a actividade cognitiva dos alunos de maneira que cada um deles seja um sujeito conciente, activo e autónomo. Para que isto aconteça vai depender das características de autoridade do professor que vai permitir organizar o processo de ensino e determinar o papel de todos.

Para uma organização de ensino com disciplina Libaneo apresenta os seguintes passos a serem tomados pelo professor:

1. Elaborar um bom plano de aula, no qual estejam determinados claramente os objectivos, conteúdos, métodos e procedimentos de ensino e de avaliação.
2. Estimular a aprendizagem de tal modo que suscite ainda mais a motivação de todos.
3. Controlar a aprendizagem, incluindo aí a avaliação do rendimento escolar.
4. Determinar o conjunto de normas e exigências que vão garantir que o ambiente seja favorável ao ensino.

Essas normas devem ser bem explícitas para o funcionamento da classe e tomadas não como único meio de controlar a classe ou punir os alunos, como fazem muitos professores iniciantes e inseguros, mas como síntese dos requisitos acima citados, e a estas normas podemos chamar de disciplina de classe.

O estágio profissional é uma etapa fundamental na vida de um futuro professor. A prática pedagógica a desenvolver sintetiza um vasto leque de saberes e conhecimentos trabalhados ao longo do processo de formação, proporcionando momentos de contacto com os contextos educativos e, em especial, com os grupos de alunos nas salas de aula. Torna possível a articulação de saberes e conhecimentos mais teóricos com saberes e conhecimentos mais práticos, de modo a dar sentido e significado às práticas de ensino. Torna possível, ainda, a emergência de desafios novos para o papel do professor, bem como a necessidade de uma formação mais sólida, exigindo, para além do saber agir e concretizar a acção educativa, o saber refletir sobre essa acção.

A prática de ensino supervisionada desenvolvida no nosso estágio profissional proporcionou o contacto com múltiplas dimensões importantes a que um professor deve atender e ter presentes. Uma das dimensões a que atribuímos uma grande relevância prendeu-se com aspectos da comunicação dos alunos na sala de aula, que acabou por constituir o tema integrador das diversas experiências de ensino e aprendizagem realizadas (Costa, 2015).

Por isso, o principal propósito orientador das práticas de ensino consisti em identificar e analisar aspetos da capacidade dos alunos comunicarem, oralmente ou por escrito, no ensino básico.

É amplamente reconhecido que os alunos devem ser considerados o centro da acção educativa, devendo o professor tomar um papel de orientador das suas aprendizagens e de organizador do ambiente de forma a responder às suas especificidades (NCTM, 2007).

Ao longo da prática lectiva, foi uma preocupação constante apoiar as aprendizagens, respondendo às necessidades dos alunos em concreto. Deste modo, tiveram oportunidades para discutir e tomar decisões quer na seleção de

tarefas quer no desenvolvimento das actividades, potenciando o desenvolvimento da capacidade de comunicação em sala de aula.

Em qualquer saber disciplinar, a importância de saber comunicar no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos é largamente reconhecida, pois estes aprendem melhor quando descrevem os processos seguidos, explicam os raciocínios ou justificam as suas escolhas (Meneses, Ferreira, Martinho & Guerreiro, 2014).

Neste sentido, é importante que, na sala de aula, os alunos possam resolver tarefas que apelem ao desenvolvimento das suas capacidades de comunicação, exprimindo as suas ideias de forma clara, correta e lógica, justificando os seus raciocínios ou compreendendo os pontos de vista dos outros

- **A comunicação na sala de aula**

Na visão de Belo (2005), Comunicação é um termo polissémico, possuindo diferentes significados que têm vindo a aumentar em múltiplas dimensões com o desenvolvimento de publicações sobre o tema.

Já para Guerreiro (2011), independentemente dos múltiplos significados, não se consegue imaginar a vida social sem comunicação. Nos tempos actuais, a sociedade vive em permanente evolução, necessitando de utilizar cada vez mais a comunicação, através de sistemas mais eficazes e capazes de fomentar e facilitar o desenvolvimento social.

No que respeita ao contexto educativo, a comunicação passou a ser mais valorizada como processo pelo qual os alunos aprendem nas várias áreas do saber do que meramente como um producto ou objecto curricular (Menezes, 2010).

Neste sentido, muitos estudos apontam para a necessidade de fomentar e desenvolver nos alunos competências comunicativas, desde os primeiros anos de escolaridade, tendo evidenciado a relevância da comunicação na melhoria das aprendizagens (Menezes, Ferreira, Martinho & Guerreiro, 2014).

Segundo Menezes (2000), a comunicação é considerada como sendo a essência do ensino e da aprendizagem de uma dada disciplina, dado que os actos de ensinar e aprender são os principalmente actos de comunicação.

O ponto de vista de Guerreiro e Menezes (2010), reconhece que a comunicação na sala de aula pode ser vista de quatro formas:

- a) A comunicação unidirecional;
- b) A comunicação contributiva;
- c) A comunicação reflexiva;
- d) A comunicação instrutiva.

Acrescente-se que a comunicação em sala de aula decorre a partir de formas caracterizadas pelo uso da linguagem oral e da linguagem escrita, revelando-se na maneira como o professor e os alunos constroem e partilham o seu conhecimento (Guerreiro & Menezes, 2010).

A discussão é um tipo de comunicação que, envolvendo diversos intervenientes, permite uma multiplicidade de interações entre os alunos e entre o professor e os alunos (Carvalho & Silvestre, 2010).

Consistindo na partilha de ideias e na formulação de questões, torna fundamental e crucial a participação dos alunos, pois podem adequar, refinar, melhorar e desenvolver a capacidade de compreender o seu próprio pensamento e argumentar as suas posições com convicção. (Boavida, Paiva, Cebola, Vale & Pimentel, 2008; Fonseca, 2009; Ponte & Serrazina, 2000).

A comunicação em contexto de sala de aula requer, então, um esforço não só por parte do professor como também por parte dos alunos.

No entender de Fonseca, (2009, p. 3) Os alunos aprendem não só quando falam mas também quando escutam os outros, falar e ouvir são duas vertentes que necessitam desenvolver-se em simultâneo para que os alunos possam aprofundar o seu raciocínio.

1. 3. A Interação na Relação Professor-Aluno.

Em todo processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro têm fundamental importância. Na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Por essa razão, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

De acordo com Freire (2005), percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o reflectir o agir dos homens. E para compreender melhor essa prática dialógica, Freire acrescenta que:

O diálogo é uma exigência existencial, se ele é o encontro em que se solidarizam o reflectir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um acto de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Assim, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como postura necessária em suas aulas, maiores avanços estará conquistando em relação aos alunos, pois desse modo, sentir-se-ão mais curiosos e mobilizados para transformarem a realidade. Quando o professor actua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a reflectir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente.

Já para Oliveira, (2002) a ideia de interação social e de mediação é ponto central do processo educativo. Pois para o autor, esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos.

A actuação do professor é de suma importância já que ele exerce o papel de aprendizagem do aluno. Certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo depende os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola.

Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens.

Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto.

Na teoria de Oliveira (2002), é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas.

Portanto, para Oliveira (2002), a sala de aula é sem dúvida um dos espaços mais oportunos para a construção de acções partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino- aprendizagem. Pode-se dizer também que o acto de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno.

1.4. A Afectividade

A escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios, e talvez único, capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entretanto, as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes.

Nesse sentido, acredita-se que uma das tarefas das equipas pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma

formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem.

Na teoria de Gadotti (2015) encontramos subsídios importantes no que diz respeito à dimensão afectiva do ser humano e como ela é significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Para esse teórico, a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra.

Os estudos de Gadotti (2015) propõem algumas reflexões a respeito da constituição do adolescente. Tais reflexões fornecem pistas fundamentais aos professores que actuam com essa faixa etária. Segundo o autor, a juventude inicia-se com uma crise marcada por mudanças na estruturação da personalidade. É um momento no qual o adolescente volta-se para questões que estão mais diretamente ligadas ao seu lado pessoal, moral e existencial.

Ainda para Gadotti (2015), nesse sentido, a afetividade torna-se um dos factores preponderantes no processo de relacionamento do adolescente consigo mesmo e com os outros, contudo, isso ocorre a partir de um carácter cognitivo já estabelecido, ou seja, ele consegue gerir uma exigência racional nas relações afectivas.

Normalmente é uma fase marcada por muitos questionamentos, fortes exigências, novas experiências e constantes preocupações. Diante de tantas alterações físicas e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas. Considera-se esse período o mais marcado pelas transformações, talvez seja essa uma das razões pelas quais exista um enorme desejo de se romper com os modelos pré-estabelecidos.

Para André (2016), o desenvolvimento do adolescente é marcado por muitos conflitos, que são próprios do ser humano, alguns são importantes para o crescimento, outros provocam muito desgaste e transtornos emocionais.

Sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afectivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental a dar sentido ao seu existir e ao seu

pensar. É importante que se ressalte que, quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afecto, de forma alguma, confunde-se aqui afecto com permissividade. Pelo contrário, a acção do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a acção que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Isso vem reforçar a ideia de que os professores, quando buscam aprofundar seus conhecimentos sobre a importância da afectividade na escola, estão, na verdade, procurando entender tanto de seres humanos, quanto de conteúdos e técnicas educativas.

Enfim, a teoria de Frauches, (2007) considera as questões afectivas como molas propulsoras que promovem o avanço e o desenvolvimento dos indivíduos. Assim, é necessário conceber a sala de aula como um rico espaço de relações entre alunos e professores. Levando em conta esse cenário de oposição e interação em que, muitas vezes, o convívio harmônico é quase impossível, faz-se necessário salientar mais uma vez o diálogo como um instrumento importante nessas relações.

1.5 As complicações na fase de Adolescência

Analisar essa fase da vida, a adolescência, é, sem dúvida, uma demonstração de cuidado, atenção e preocupação com os alunos que compõem o mundo estudantil das escolas. E para entender melhor algumas questões ligadas à adolescência, é preciso compreender esse fenómeno.

Segundo Valerien (2005), existem três fases distintas para esse momento da adolescência. Portanto esse período não é linear e há diversos aspectos a serem considerados.

A primeira fase considerada por esse autor é a “puberal”, marcada pelo aparecimento das modificações fisiológicas, as quais são acompanhadas das mudanças psíquicas. Nesse estágio, os adolescentes irritam-se facilmente, tornam-se arredios, explosivos e preferem manter-se isolados. Já manifestam o

desejo de que o tratem como adulto. Para Valerien (2005, p. 78) “O púbere começa a desempenhar o papel mais importante do adolescente: aquele que busca uma identidade”. A segunda fase é chamada de “adolescência nuclear” e é denominada por Valerien como o núcleo da adolescência. Marcada como etapa de surgimento do grupo, o qual passa a ser foco de interesse do adolescente. Nessa fase, tudo gira em torno dos interesses do grupo, chegando ao ponto de o adolescente curvar-se às leis ditadas pelos companheiros. Aqui, ao contrário da fase anterior, surge, no adolescente, a necessidade de se compartilharem todas as coisas com os seus pares eleitos, pois ele tem necessidade de sentir-se aceito pelos colegas.

Fiorin (2006), A cultura atual impõe aos adolescentes uma moratória. Isso significa que o adulto sempre está adiando o momento de o adolescente demonstrar que está apto e responsável, conseguindo mostrar o que já aprendeu. Para muitos professores, é difícil, quase impossível, conviver nesse meio, sem expressar um forte desejo em entender melhor essa fase tão importante da vida.

Na escola, esse momento é muito impreciso e normalmente vem acompanhado de sentimentos contraditórios como: sensibilidade, indiferença, energia, fragilidade, entusiasmo, desânimo, alegria, tristeza, firmeza, insegurança, delicadeza, irreverência entre outros.

Segundo Andrade (2010), nessa fase, o jovem oscila em seu modo de ser, ora age como criança, ora como adulto. Essa ambiguidade também ocorre por parte dos adultos, pois, em muitas situações, eles permitem um “quase tudo”, em outras utilizam excesso de rigor, exigindo do jovem responsabilidade de adulto. Isso só confirma que a imprecisão não está apenas no jovem, mas também naqueles que com eles convivem. Para os professores, entender esse período de transformação da vida humana é fundamental para o bom relacionamento com os alunos, bem como para a organização de novas práticas pedagógicas. Essa percepção e compreensão do comportamento do jovem auxiliarão os professores na criação de projectos inovadores mais voltados para a cultura juvenil dos alunos.

Segundo Zilberman (2005), “Nossos adolescentes e jovens amam, estudam, brigam. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam.” Cabe à escola então, despertar o interesse e os sonhos desses jovens, do contrário só poderá constatar que todo espaço é desinteressante para quem para de sonhar.

1.6.O reflexo da Aprendizagem

Sabe-se que um dos objetivos da educação é promover o desenvolvimento intelectual e pessoal do aluno, então por que não concentrar esforços em projectos e acções educativas, que incentivem a participação desses adolescentes, preparando-os para uma actuação crítica e criativa na sociedade. Infelizmente ainda prevalece, a ideia de que os jovens significam problemas para a sociedade. Na verdade, o que está sendo esquecido é que essa faixa etária faz parte de um contexto social bem maior, o qual está passando por várias transformações e crises em vários sectores. Essas transformações acabam provocando mudanças no comportamento de todas as pessoas, gerando crises de valores e uma crescente desigualdade social.

Na educação, observa-se por parte de muitos educadores uma preocupação com esses problemas, contudo é preciso acreditar que a educação, muito além de promover o acúmulo de conhecimentos, possibilita aos adolescentes novas formas de se posicionarem diante da realidade. Nesse sentido, um dos maiores desafios que ora se impõe para a escola, é propiciar um trabalho voltado para o desenvolvimento da capacidade de pensar dos alunos,

Segundo Zilberman (2005, p.165), “o mundo concreto é irrigado pelas novas tecnologias.” No entanto, esse mesmo autor nos chama a atenção para o seguinte facto: não é por meio de uma série apresentada na televisão, que os alunos irão compreender a cultura de que precisam para se tornarem homens e mulheres livres e responsáveis. Para tanto, mais uma vez se reconhece a importância e o papel fundamental do professor, enquanto elemento articulador capaz de organizar patamares de encontro entre aquilo por que o aluno demonstra ter interesse e o que a escola realmente precisa trabalhar.

O que se deseja propor com essa reflexão é que, numa acção colectiva, professores repensem a organização de suas actividades docentes, partindo em busca de práticas que sensibilizem os jovens a participarem activamente da construção de seus conhecimentos e de suas vidas escolares. Para que os alunos possam aprender de facto, buscando desenvolver um espírito cada vez mais crítico e criativo, não se pode ignorar o mundo no qual esses jovens vivem. E para que essas proposições venham a se efectivar na prática, acredita-se que é essencial começar ouvindo os alunos, conhecendo melhor suas opiniões, anseios e sonhos.

Mobilizar a juventude estudantil, demonstrando-lhes a importância e o valor de um envolvimento activo no trabalho educativo é, sem dúvida, redesenhar uma nova escola.

1.6. Ensino/Aprendizagem

O processo ensino-aprendizagem tem sido caracterizado de diferentes formas, ora procura dar ênfase à figura do professor como detentor do saber, responsável pela transmissão do conhecimento, ora vem destacar o papel do aluno como sujeito aprendiz, construtor de seu conhecimento. Por seguirem trajetórias paralelas, os estudos e as pesquisas sobre o como se ensina e o como se aprende demonstram que hoje não existe uma forma única para compreender esse processo.

No entanto, para o professor entender melhor o contexto actual e reflectir criticamente sobre suas ações, faz-se necessária uma breve retomada sobre as tendências pedagógicas que influenciaram e vêm influenciando o ensino e a aprendizagem ao longo da história educacional. As tendências pedagógicas foram evoluindo e foram divididas em cinco abordagens, dentre as quais algumas colocaram como seu maior objectivo o reflectir, o pensar e o fazer do professor. A primeira abordagem a ser retomada é a Tradicional. Nessa teoria, o processo ensino-aprendizagem era totalmente centrado no professor. Tinha como objectivo principal formar o aluno ideal, contudo não se levava em conta seus interesses.

Para André (2001, p.12), nessa abordagem, quanto mais rígido o ambiente escolar, mais concentrado e voltado para a aprendizagem o aluno se mantinha. O professor era visto como mero repassador de conteúdo e o aluno como um ser passivo no processo. As habilidades desenvolvidas no aluno eram a memorização e a repetição.

De acordo com Aquino (2014), nessa concepção de ensino-aprendizagem, uma teoria dialética, na qual a construção se dá num movimento dinâmico entre o conhecimento empírico e o conhecimento científico.

Ainda Aquino (2014) apresenta de forma organizada uma proposta para o desenvolvimento eficaz de ensino e aprendizagem. Trata-se de um método pedagógico totalmente voltado para a transformação social. Por maior avanço, que

possa ter ocorrido no contexto educacional, percebe-se ainda que os conteúdos escolhidos, a metodologia utilizada e a postura profissional adotada por muitos educadores revelam uma visão de mundo nem sempre condizente com as propostas pedagógicas vigentes.

1.7. A Importância da Comunicação no Sentido de Ensinar e Aprender

No âmbito educacional, que é por consequência relacional, a interação professor aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. A comunicação entre eles chega a ser uma condição do processo de aprendizagem, e precisa ser efetiva para que a troca de saberes aconteça de forma saudável.

A comunicação em si já é complexa e nesse quesito, encontram-se também vários desafios já que para que ela exista devem-se constar algumas particularidades como, por exemplo, a Linguagem – verbal e não verbal ; a Mensagem; a Interação e a Transmissão. Com isso podem acontecer alguns impasses que dificultem que esse mecanismo aconteça de forma eficaz. Outro ponto importante é que para haver comunicação deve-se existir um esquema de comunicação. Compõem esse processo três elementos básicos: Emissor ou Fonte, Canal, Receptor e Destinatário.

Entretanto, observam-se no esquema mais factores que agregam essa situação. Tais factores podem ser mais bem compreendidos ao analisar o esquema de comunicação elaborado por Roman Jakobson (2005, p. 123).

Para ser eficaz a mensagem requer um contexto a que se refere, apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário e, finalmente, um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e a permanecerem em comunicação. (JAKOBSON, 2005, p. 123).

Portanto, nessa figura é possível observar que a mensagem é o grande elo que liga a comunicação, entretanto, sua importância se faz crucial quando contextualizada nesse processo. Uma vez que não existe comunicação eficaz sem alguns desses elementos apresentados. Com esse viés também é preciso reforçar

os empecilhos de uma comunicação, conhecidos como ruídos. A comunicação na relação professor – aluno pode se mostrar complexa, já que é um ambiente de convívio bem misto. Uma sala de aula possui várias particularidades. São culturas, costumes, classes sociais, educações, pensamentos, valores, limites físicos e psicológicos, formas de se expressar e compreender, que são diferentes e particulares.

Ao analisar essa relação, pode-se perceber que se têm dois momentos distintos de interação na relação professor – aluno: a transmissão de conhecimento e a relação pessoal. Não existe apenas o convívio para a troca de saberes, mas também se tem uma linha delicada de convivência e interação que acaba gerando afecto, ou até mesmo o desafecto.

As virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afectivos com seus alunos repetem se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve. (LOPES, 1991, p. 146).

Nesta questão é importante buscar pela relação baseada na afectividade que traga respeito, confiança e admiração, pois colaboram significativamente para a comunicação e a aprendizagem. Não focar apenas na transmissão do conteúdo, mas também nessa relação pessoal, enriquece bastante o indivíduo. Pode, inclusive, potencializar suas estruturas reflexivas, morais e críticas.

O acto pedagógico pode ser, então definido como uma actividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa acção exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria acção exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente neste caso o professor, uma mensagem transmitida por conteúdos, métodos, habilidades e um educando que pode ser aluno, grupo de alunos.

A visão de Libâneo (1994, p.56), aponta a troca de conhecimento como sendo um factor dessa relação entre professores e alunos, o que faz, inicialmente, ela existir.

Mas, a troca de conhecimento agregada a troca de vivências é significativamente enriquecedora e traz elementos substanciais para o fim dessa relação, que é a aprendizagem.

Para Freire (1988), em suas avaliações, ainda pontua a importância da valorização do diálogo, sendo este um significativo instrumento para a constituição dos sujeitos. o diálogo é uma exigência existencial.

E, se ele é o encontro em que se solidarizam o reflectir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um acto de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1988, p.79).

Com isso ele deixa claro que com a compreensão do professor para com a importância do diálogo no seu ambiente de ensino, ele passa a ter mais conquistas com seus educandos. Existe mais troca, mais curiosidade e o tão esperado querer. O interesse do aluno é firmado e só existem ganhos para isso.

Silva (1996) ainda reforça que com a comunicação existe a troca entre as pessoas, um processo recíproco, que provoca a curto ou longo prazo, mudanças na forma de sentir, pensar e actuar dos envolvidos.

E isso é de fundamental importância quando se fala em educação, pois fica evidente que não é possível obter êxitos sem uma comunicação bem feita, os ruídos são capazes de promover uma deturpação do que pretende ser ensinado e aprendido. Está aí a importância da comunicação no que diz respeito ao ensino e aprendizagem. Aplicada de forma correcta, essas trocas e construções ficam garantidas. O professor deixa de ser para o aluno apenas um transmissor e passa a ser um mediador. Todo o processo do esquema de comunicação de Roman Jakobson passa a acontecer e fazer valer essa interação.

CAPÍTULO II – MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Nível Teórico

- **Histórico – Lógico:** Descreve e compara usos e costumes, diferenças, por meio de documentação passada. Na visão de (Rampazzo, 2009).

A utilização deste método ajudou-nos a fazer antes, uma abordagem histórica e lógica sobre a relação entre aluno-professor. Foram feitas várias pesquisas, como nos livros, obras literárias, jornais, revistas, internet e outros.

- **Analítico:** define-se análise como “Divisão do tema em partes, determinação das relações existentes entre elas seguidas do entendimento de toda sua organização Marconi e Lakatos (2008).

Usamos este método, para análise de todo o material e informações colectadas bibliograficamente e com a aplicação dos instrumentos de recolha de dados.

- **Sintético:** usamos, filtrando as qualidades e quantidades de informação obtidas nas bibliografias consultada, fazendo uma composição das partes, logicamente compreendida.

Nível Empírico

- **Entrevista:** Foi de extrema importância o uso deste método, para saber a amplitude e exploração do campo informativo, usamos para recolha de dados na voz de um responsável.

Observar algumas normas sobre como fazer o contacto inicial com o entrevistado, a formulação de perguntas, o registo de respostas e término da

mesma, com base no conhecimento prévio do problema. Lakatos e Marconi 2008).

- **Observação:** serviu para colecta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não se limita apenas em ouvir, ver, mas também em examinar os factos que se deseja estudar. (Lakatos e Marconi, 2008). Observamos as atitudes dos estudantes e os professores.

Aplicamos também durante o trabalho, inquérito público. Tudo pela sua capacidade de refinar a informação.

Para (Tuckman, 2000) Um dos processos mais directos para encontrar informações sobre determinados fenómenos consiste em formular questões as pessoas que, de alguma estão envolvidos ou relacionados com o fenómeno.

Nível Matemático / Estatístico.

- **Matemático:** Estatística descritiva. Utilizou-se para mostrar os resultados da tabulação dos dados obtidos, determinar as distribuições de percentagem e suas representações gráfica.

2.2.Tipo De Pesquisa

Para (Oliveira, 2002) A Pesquisa tem como objectivo estabelecer uma série de compreensão a fim de construir respostas para as indagações e questões levantadas nos diversos ramos do conhecimento. Neste contexto efectuamos um estudo de caso.

2.3. Modelo De Abordagem

Assim, a investigação foi realizada, utilizando uma pesquisa quali-quantitativo, ela é descritiva com pendor qualitativo e quantitativo, segundo a forma de abordagem.

Para (Rampazzo, 2009) A Pesquisa descritiva observa, regista, analisa, e correlaciona factos ou fenómenos do mundo físico e, especialmente, do mundo humano, sem interferência do pesquisador.

2.4. População E Amostra

Na visão de (Moresi, 2003) População é o 'conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum'. Dentre as variações que podem agrupar as populações, destaca-mos: Geográficas, Linguagem, Costumes.

Também conhecido como o subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou estimam as característica desse universo ou população. (Gil, 2008).

2.4.1. População

A população foi de 450 (Quatrocentos e cinquenta) pessoas, destacando 1 responsável (director) e as restantes foram professores alunos pessoas que frequentam a instituição e uma amostra de 20 pessoas. Sendo 15 do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

Quadro 1. Demonstração da Amostra alvos da pesquisa por sexos

Amostra	Masculino	Feminino
20	15	5
	75	25
Total	100%	

Fonte: Própria

No quadro acima, é notório que a amostra dos indivíduos selecionados de forma aleatória destaca-se na sua maioria indivíduos do sexo masculino, que corresponde na sua maioria professores da escola em referência.

CAPÍTULO-III RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Apresentação do Local de Estudo

O Município do Cazenga faz parte que da província de Luanda. Limita-se a o este com o município de Luanda, a norte com o município de Cacuaco, a leste com o município de Viana e a sul com o município de Quilamba Quiaxi. Segundo as projeções populacionais de 2018, elaboradas pelo Instituto Nacional de Estatística, conta com uma população de 1 011 397 habitantes e área territorial de 41,2 km², sendo o quinto município mais populoso e densamente povoado da nação, ficando somente atrás de Luanda, Viana, Cacuaco e Belas.

Até 2016 era composto por três comunas, a saber: Cazenga Central, Hoji Ya Henda, e Tala Hady; desde então passou a constituir apenas comuna-sede, com o nome de Cazenga. A comuna e município passou a organizar-se em seis distritos urbanos, sendo: Kima Kieza, Tala Hady, Cazenga Popular, Hoji-Ya-Henda, 11 de

Novembro e Distrito Industrial. actual Administradora Chama-se Nádia a Evalise Martins de Sousa Neto.

3.2. A escola São Francisco de Assis.

A escola São Francisco de Assis localiza-se no Município do Cazenga, Distrito urbano do Hoji-ya-Henda, é uma escola de domínio privado, pertencente a Igreja católica, com participação do estado. A mesma possui na sua estrutura 11 salas de aulas e leciona o ensino primário e o primeiro Ciclo do ensino secundário. Tem no seu quando 1200 lunos e 34 funcionarios.

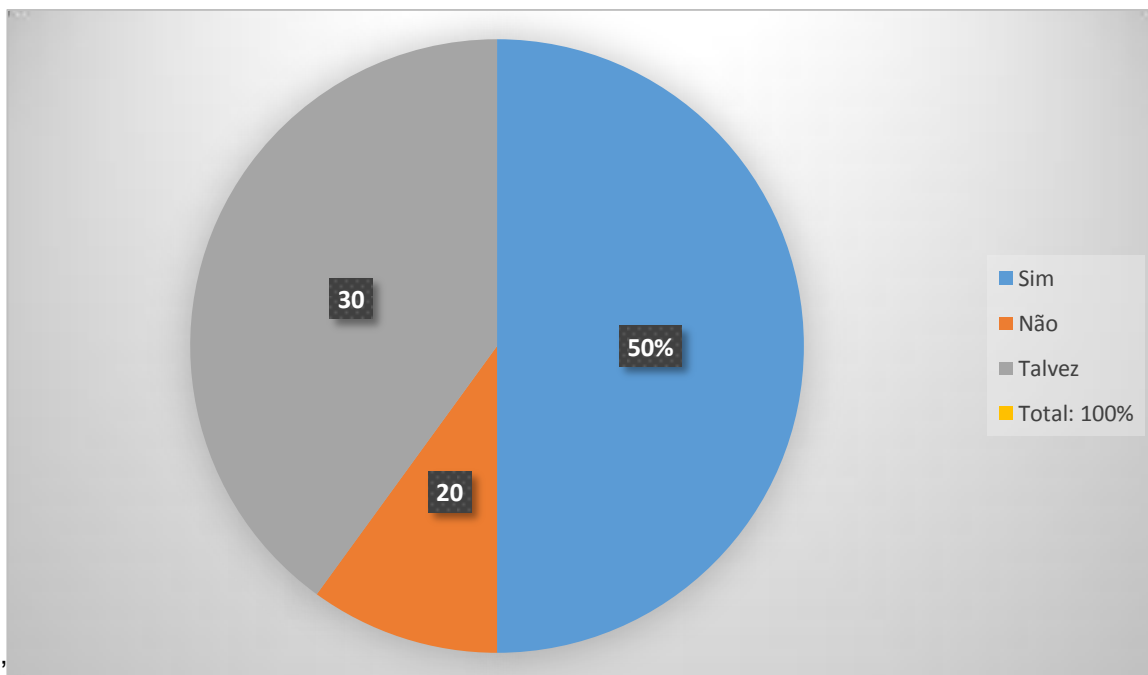
Todo o desdobramento do trabalho de pesquisa aconteceu na escola São Francisco de Assis. Nº 3064 – Cazenga, envolvendo 5ª classe. Esse momento da pesquisa foi bastante interessante, pois se constituiu num rico espaço de interação entre os professores, em que se aproveitou para a construção de interpretações, compreensões e propostas de alternativas relacionadas aos aspectos levantados no roteiro. Observou-se, por parte dos professores em relação aos pontos abordados no roteiro certa facilidade de análise das situações apresentadas no questionário.

3.2. Análise dos Resultados

Quadro Nº1. Classificas a relação na sala de aula positiva?

Opção	Frequência	Percentagem
Sim	10	50%
Não	4	20%
Talvez	6	30%
Total	20	100%

Fonte: Elaboração própria (2024)



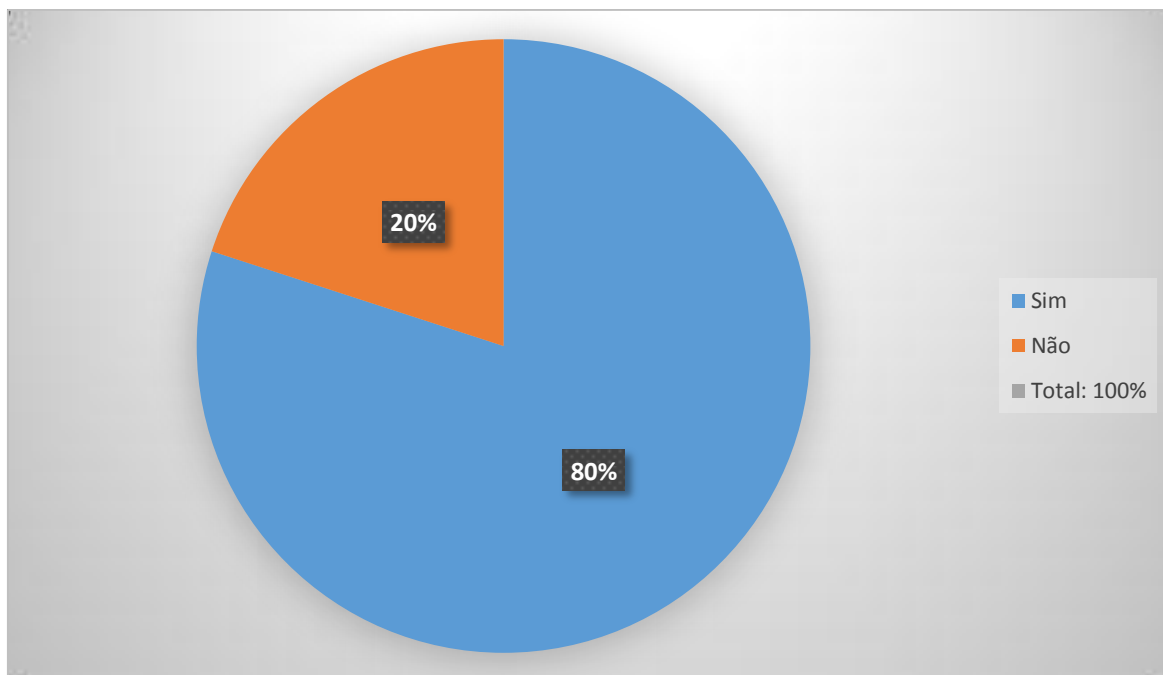
Fonte: Elaboração própria (2024)

De acordo com o quadro acima ilustrado, demonstra claramente que cerca de 10 indivíduos que corresponde a 50% dizem que sim, 4 indivíduos que corresponde a 20% dizem que não e os restantes 6 afirmaram que talvez correspondendo a 30%. Nota-se de forma evidente que os professores entendem como sendo a relação saudável.

Quadro Nº2. Acreditas que o processo de aprendizagem depende muito da interação entre ambos?

Opção	Frequência	Percentagem
Sim	16	80%
Não	4	20 %
Total	20	100%

Fonte: Elaboração própria (2024)



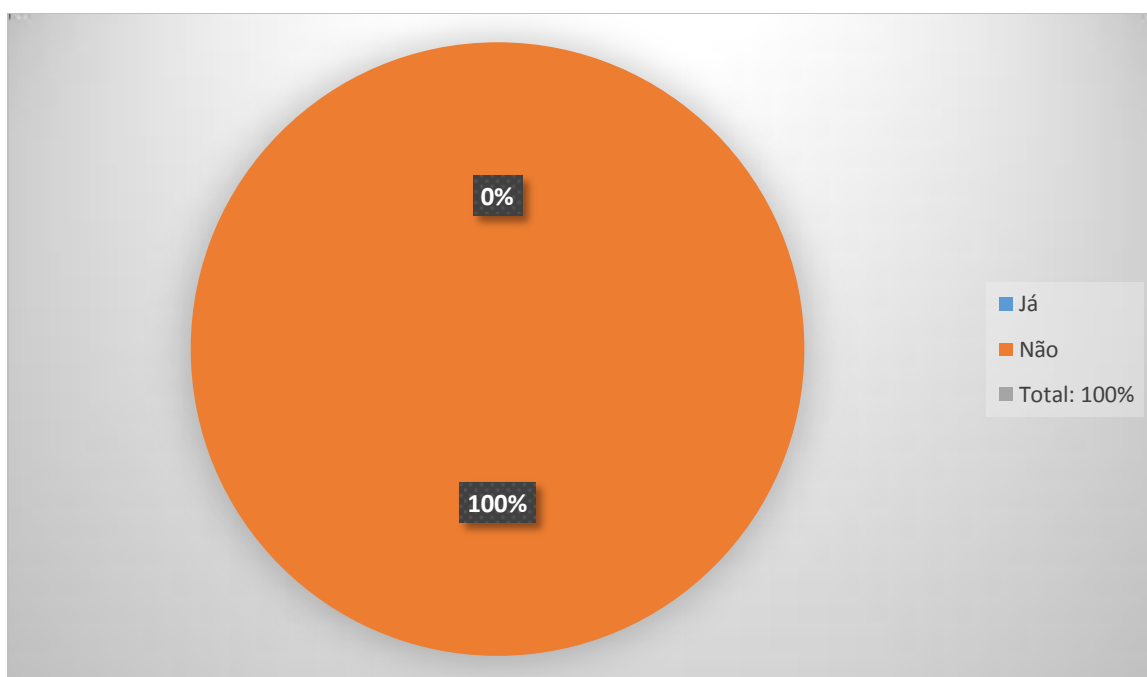
Fonte: Elaboração própria (2024)

O gráfico acima ilustrado, demonstra claramente, que os dois elementos principais para fazer acontecer o processo de aprendizagem são: os professores e os estudantes por meio da interação, com 16 e apenas 4 não partilham a mesma ideia.

Quadro nº3-Confirmam ter presenciado uma aula onde não houve fluência da comunicação?

Opção	Frequência	Porcentagem
Já	0	0%
Não	20	100%
Total	20	100%

Fonte: Elaboração própria (2024)



Fonte: Elaboração própria (2024)

Claramente, nunca existiu uma aula, onde não houve comunicação fluída, 20 indivíduos que corresponde a 100%. Confirmaram durante a resposta do inquérito realizado em sala de aula.

Questão nº4 Como os professores solucionam os conflitos em sala de aula?

Os professores relataram as seguintes acções:

- ✓ Conversas com os alunos para explicar e orientar sobre a importância da escola na vida deles;
- ✓ Encaminhamento ao serviço pedagógico escolar para que os alunos sejam orientados;
- ✓ Chamadas de atenção aos alunos;
- ✓ Solicitação da presença dos pais;
- ✓ Momentos de sensibilização;
- ✓ Leitura de textos que promovem a reflexão crítica dos alunos.

As atitudes apresentadas pelos professores variaram, indicando níveis de compreensão e experiência pedagógica diferenciadas. Dessa forma, percebe-se nas acções de alguns docentes uma capacidade maior de colocarem-se como mediadores do processo ensino-aprendizagem. Estes acabaram colaborando com aqueles que ainda consideram que devam se manter muito afastados de seus alunos.

Questão nº5 -O que mais inquieta o professor na relação com os seus alunos?

No que se refere à questão que mais inquieta o professor na relação com os seus alunos, todos foram unânimes em responder sobre a falta de interesse dos adolescentes na aprendizagem, e a falta de perspectiva que estes têm em relação à vida futura.

Essa unanimidade na resposta dos professores aponta numa direcção única, o professor necessita com urgência encontrar formas diferenciadas para trabalhar os alunos, buscando encantá-los e envolvê-los em actividades educativas. Para tanto, será necessário que o professor realize constantemente a autoavaliação de seu trabalho, pois essa é uma prática que auxilia o professor a descobrir as possíveis falhas, bem como as possibilidades de mudança. É certo que, se encontra alunos desmotivados em sua sala de aula, é com essa realidade que precisa trabalhar e não com a idealização de um espaço onde problemas não ocorram. O principal desafio para esse educador passará a ser a transformação da visão desses alunos que não veem atratividades na escola.

Questão Nº6, Qual a estratégia, que os professores utilizam para manter os alunos interessados na aula, as respostas variaram:

- ✓ Buscando variar os recursos utilizados na aula;
- ✓ Mantê-los sempre muito ocupados;
- ✓ Impondo limites para os alunos;
- ✓ Procurando trabalhar conteúdos do interesse de todos.

Os entrevistados demonstram preocupação com a qualidade da aula, afirmando mesmo não ser uma tarefa fácil manter os alunos interessados no conteúdo. Cerca de 8 professores responderam que buscam outros recursos para mantê-los em sala de aulas e 4 professores afirmam que preferem impor limites.

Tendo em atenção as respostas acima classificadas, podemos compreender o seguinte: Se a escola é uma continuidade do que se vê na vida, é mais fácil que surja interesse por estar na escola e por aprender o que ela ensina. Por outro lado, se a escola se instala entre as paredes de um grande muro que a isola da realidade, estar na escola passa a ser uma simples obrigação nada estimulante. Por essas respostas, dá para perceber que os professores mostram interesse em melhorar a relação que mantêm com seus alunos, mas ainda se pode sentir um distanciamento buscado por alguns, quando dizem que é interessante sempre manter os alunos ocupados, ou impor limites a eles.

Questão nº7. Os professores acham importante dialogar com os alunos?

Todos responderam que sim, afirmando que o diálogo é um rico instrumento para manter a sala de aula em harmonia. Nesta questão demonstra-se claramente que os professores da escola São Francisco de Assis priorizam o diálogo na resolução dos conflitos que ocorrem resultante da relação professor-aluno.

Questão nº8, O que mais incomoda os professores na postura do aluno?

1. Desinteresse pela matéria;
2. Falta de respeito;
3. Conversas paralelas durante a aula;
4. Apatia.

As respostas apresentadas nessa questão revelam a necessidade de os professores buscarem estratégias de trabalho que os ajudem a sair desses dilemas.

Questão Nº 9. De que forma procuram resolver os conflitos em sala de aulas?

O sujeito coletivos afirmaram o seguinte:

- ✓ Dar um tempo para que todos os alunos fiquem quietos;
- ✓ Falar em tom baixo para que os alunos prestem atenção;
- ✓ Buscar ouvir os alunos;
- ✓ Impor limites aos alunos;
- ✓ Buscar um diálogo constante com os alunos, levando-os a um processo de reflexão.

Essas respostas mostram duas posturas bem distintas. As respostas 1, 2 e 4 revelam um professor que deseja que o conflito se resolva, sem que haja a sua interferência. Já as respostas 3 e 5 apresentam um professor mais comprometido com seu papel social. Um professor que busca se relacionar com seus alunos, transpondo a formalidade dos papéis ocupados por docentes e discentes. Essa última postura é a de alguém que avalia sua prática e busca de melhorar na relação com os seus alunos.

Questão Nº 10. O professor sabe, o quê os alunos esperam de suas aulas?

Cerca de 5 professores responderam o seguinte:

1. Os alunos esperam que a aula seja bem interessante;
2. Os alunos esperam que conteúdo ajude-os a achar um bom emprego;
3. Que o ensino os garanta um futuro promissor;
4. O professor proporcione uma boa educação.

Essas respostas apresentam dois fatos curiosos: a primeira resposta parece bem evasiva uma vez que o que é interessante para o aluno não é, necessariamente, interessante para o professor. Aliás, os interesses podem ser bem opostos. Assim, o professor pode ter planejado sua aula, pensando que em algo dos mais interessantes, mas pode não despertar o interesse dos principais envolvidos. As demais respostas parecem traduzir um discurso de outrem. Elas revelam a voz da própria escola ou da família que tentam impor para os alunos a necessidade de se estar na escola.

Questão nº11, O que o professor considera, como sendo mais importante em sua aula, o que ensina ou que seus alunos aprendam?

A grande maioria dos professores considerou que as duas coisas são importantes, apenas alguns ressaltaram a importância de se acompanhar o processo de aprendizagem do aluno. Como já se viu no segundo capítulo deste texto, no processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância e é na escola que essa interação é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Segundo Freire, o diálogo é importante instrumento na constituição dos sujeitos. Mas é necessário, que esse diálogo seja compreendido pelo professor como inerente ao ser humano na sua constituição porque é a ele que cabe a mediação de todo o processo.

Questão nº12. Como o professor incentiva seus alunos a participarem da aula?

- ✓ Variar a forma de trabalhar os conteúdos;

- ✓ A utilização de recursos, como a TV multimídia;
- ✓ Trabalhos em grupos;
- ✓ Partir do conhecimento que o aluno já domina;
- ✓ Diversificar a forma de avaliação.

Ao se fazer a análise dos dados apresentados nas respostas dos professores, pôde-se observar que muitas das considerações feitas por eles revelaram que a relação entre professores e alunos e o processo ensino-aprendizagem envolve muitos fatores, tornando-se uma tarefa bastante complexa e ao mesmo tempo desafiadora.

Conforme os itens citados nas questões formuladas aos professores, pôde-se observar que a maioria dos aspectos mencionados, estava relacionado à relação professor-aluno. Daí, mais uma vez, a importância de se ressaltar o papel importante do professor nesse processo, visto que cabe a ele a responsabilidade de tomar algumas decisões para que ocorra realmente o processo ensino-aprendizagem. Sabe-se que o êxito de todo trabalho docente exige uma abertura à compreensão e à reconstrução contínua da própria identidade profissional, só assim os educadores estarão instrumentalizados para saber qual a melhor decisão a ser tomada no cotidiano da aula.

Ao dar continuidade na análise desses estudos, percebe-se que todas as condições que se fazem necessárias para transformar o espaço escolar num ambiente acolhedor com princípios pedagógicos eficazes estão relacionadas com o trabalho docente.

Ficou claro na fala dos professores, que existe por parte deles, uma preocupação em exercer o papel docente de uma maneira séria e comprometida com o desenvolvimento dos alunos. Alguns dados são importantes nesse sentido, merecendo destaque, como a valorização do diálogo na sala de aula, a utilização de novas metodologias, e certa preocupação em partir do conhecimento prévio, bem como atender às necessidades apresentadas pelos alunos. Percebe-se implicitamente que alguns desses professores estão interessados em propiciar condições favoráveis de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, acredita-se que com a realização de estudos e reflexões como a que este trabalho de

pesquisa proporciona, os professores estarão efetivamente introduzindo seus alunos na cultura e no saber social e histórico que foi produzido e acumulado pela humanidade.

Acreditando que é possível superar a maioria desses conflitos e transformar a realidade da sala de aula no que diz respeito à relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem, algumas propostas foram sugeridas para os professores colocarem em prática com seus alunos.

Os professores demonstraram-se interessados e atenciosos durante a entrevista. Responderam de forma carinhosa estreitando vínculos com as classes. Ressaltaram as influências dos bons mestres que tiveram em suas vidas, daí a escolha pela área de atuação. Descreveram um pouco sobre a paixão pelo objeto de estudo de cada área e a sua relevância para a sociedade, comentaram sobre a responsabilidade de sua profissão e os desafios enfrentados, reafirmaram o quanto é importante ouvir seus alunos e, finalmente, deixaram várias mensagens aos mesmos. Todas as mensagens estavam relacionadas ao futuro desses alunos, destacando a importância de se cultivar uma postura de atenção e dedicação diante daquilo que fazem.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou conhecer a importância da relação professor e alunos no processo de ensino – Aprendizagem da escola São Francisco de Assis. A se estabelecer uma comparação entre os dados levantados na pesquisa e os referenciais estudados, pode-se afirmar que por mais divergências ocorridas nos posicionamentos dos professores e dos alunos, foi possível notar, que existe uma preocupação de ambos os lados, em buscar caminhos cada vez mais eficazes de convivência na escola.

É importante considerar, que em toda a pesquisa, esta revelou apenas alguns aspectos delimitados pela temática, pois a relação professor-aluno, vai muito além das questões aqui analisadas, isso acontece principalmente, devido às constantes e aceleradas mudanças que ocorrem na sociedade e refletem no contexto escolar.

Mas vale a pena lembrar que o ponto de partida deste trabalho de pesquisa teve início com uma questão bastante relevante e que preocupa muito todas as pessoas que fazem parte dos ambientes escolares: a relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem. O percurso traçado permitiu muitos apontamentos para possíveis caminhos que auxiliarão, não só as posturas de quem vivência a problemática, bem como daqueles que desejam iniciar uma trajetória na academia.

Embora o tema apresente múltiplas faces, foram visíveis as mudanças a partir dos resultados obtidos e alguns pontos merecem destaque. Os professores sentiram-se estimulados e convidados a dar continuidade nos momentos de estudo e reflexão em conjunto, a percepção sobre o comportamento do aluno vai melhorar com esta pesquisa. Agora os professores apresentam uma visão mais compreensiva e positiva desses sujeitos.

Foi possível observar a forma como a comunicação flui entre professores e alunos na escola, São Francisco de Assis. Durante a nossa pesquisa notou-se, que os professores e os alunos cumprem o seu papel e possuem uma relação de cordialidade. Permitindo assim, a criação de um clima saudável e propícia a aprendizagem. A partir das constatações, Compreende-se, que o reflexo da interação, professor- alunos na aprendizagem é positivo, permitindo um bom

aproveitamento escolar, respondendo assim a nossa hipótese no sentido positivo. O estudo também aponta que apesar de ter alguns alunos. que apresentam características diferentes, os quais precisam de uma atenção especial por parte dos professores, ainda assim a direcção da escola e os encarregados têm feito seu papel, para o alcance do sucesso. Concluimos que a escola possui um plano de comunicação institucional. Onde facilita interação entre os professores e alunos. Os professores recebem treinamento periodicamente, permitindo um aperfeiçoamento mais viável e salutar.

SUGESTÕES

Tendo em consideração as conclusões da pesquisa formulamos as seguintes sugestões:

Que os professores usem um tom de voz adequado, claro e objetivo. Por mais indisciplinada, que seja a turma, o professor não deve alterar o tom de voz, pois isso faz com que os alunos, fiquem ainda mais agitados. O ideal é que os professores projetem a voz de forma equilibrada, sem gritar e nem falar muito baixo.

Que os professores, da escola São Francisco de Assis, possam organizar palestras em parada, de forma a debaterem sobre a temática da convivência na sala de aulas entre professores e alunos.

Que os professores, prefiram uma tonalidade amena e tranquila em caso de maus comportamentos dos alunos. Essa estratégia ajuda a acalmar os ânimos e a passar as mensagens corretas.

Que haja uma comunicação baseada no respeito dos professores e dos alunos. Que fique claro, que só haverá uma comunicação saudável quando o interlocutor entende o que foi dito. Sendo assim, procure simplificar as suas explicações, use exemplos, seja criativo e repita as informações, quantas vezes forem necessárias para que o aluno compreenda. Lembre-se que para evitar confusões e mal-entendidos é fundamental que não restem dúvidas.

Conheça a linguagem do aluno. Para otimizar a comunicação entre professores e alunos, os docentes precisam falar a língua do aluno. Em outras palavras, é preciso adequar o discurso à realidade das crianças e adolescentes. Por isso é crucial que os professores conheçam o vocabulário dos alunos, além de considerarem a faixa etária e a série deles. Outro cuidado em relação à linguagem é usar termos próprios da matéria para que os alunos se familiarizem com eles e saiam da aula com o repertório léxico maior do que quando entraram.

Fique na altura do aluno para conversar com ele. Na hora de se dirigir diretamente a um aluno, procure ficar no nível de altura dele, pois isso vai aumentar a relação de cumplicidade e confiança entre vocês. Se ele for bem pequeno, abaixe-se para

estabelecer contacto com ele. Se ele for maior que você, proponha que vocês. Ao propor e realizar as tarefas, dê aos seus alunos um voto de confiança! Mostre para eles que, se houver cooperação, respeito e ajuda mútua, as coisas irão fluir com maior facilidade e não haverá a necessidade de sermões, broncas e desgastes para ambos os lados. Deixe claro que você confia neles, que eles têm qualidades e competências que merecem ser exploradas e desenvolvidas, mas que isso só ocorrerá se todos colaborarem. Quanto maior a confiança, maior a liberdade e, conseqüentemente, maior o respeito e a dedicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

Andrade, M. (2010). *Noções básicas para cursos superiores*. Atlas.

Andre, M. (2001). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP: Papirus.

_____. (2016). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 2ª edição. Campinas. SP: Papirus.

ANTUNES, Celso. (200). *Professor bonzinho = aluno difícil. A questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Aquino, O. (2014). *Estratégias de formação Pedagógicas*. Campinas, São Paulo.

Belo, J. M. (2005). *Comunicação didática e competência de comunicação: a necessidade de emergência de novos modelos*. In Atas do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4.º SOPCOM (pp. 305-316). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Boavida, A., Paiva, A., Cebola, G., Vale, I., & Pimentel, T. (2008). *A experiência matemática no ensino básico*. Lisboa: DGIDC, Ministério da Educação.

Carvalho, R., & Silvestre, A. (2010). *Desenvolver a comunicação matemática na sala de aula*. In GTI (Org.), *O professor e o programa de matemática do ensino básico* (pp. 147-174). Lisboa: Associação de Professores de Mate

Fernández, F. A.(1998). *Relação entre diferentes componentes do processo ensino aprendizagem*. Instituto pedagógico Latino-Americano. Caribeno Havava-Cuba.

Fiorin, J. (2006). *Leitura e redação*. 16ª edição. São Paulo: Ática.

Fonseca, L. (2009). *Comunicação matemática na sala de aula: episódios do 1.º ciclo do ensino básico*. Educação e Matemática, 103, 2-6

Frauches, C. (2007). *Reflexões Sobre a Educação Superior*. 2ª edição. Brasília: Diversas.

FREIRE, P. (1988). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- _____. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2015). *História das ideias pedagógicas*. 8ª edição. São Paulo. Ática.
- Gil, A. C. (2007). *Didática do Ensino Superior*. São Paulo: Atlas.
- Guerreiro, A., & Menezes, L. (2010). *Comunicação matemática: na busca de um entendimento comum*. In H. Gomes, L. Menezes & I. Cabrita (Eds.), Atas do XXI Seminário de Investigação em Educação Matemática (pp. 137-143). Aveiro: Associação de Professores de Matemática.
- Guerreiro, A. (2011). *Comunicação no ensino-aprendizagem da matemática: práticas no 1.º ciclo do ensino básico*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa
- Goulart, C. (2005). *As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Guillot, G. (2008) *O resgate da autoridade em educação*. Porto Alegre: Editora Artmed,
- Jakobson, R. (2005). *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes
- Haydt, C.C. (2006). *Curso de didática geral*. São Paulo: Atica.
- _____. (2011). *Curso de didática geral*. 2ª edição. São Paulo: Atica.
- Lakatos & Marconi, (2008). *Técnicas de Pesquisas*. São Paulo Atlas.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. São Paulo: Cortez Editora.
- _____. (2009). *Didática*. São Paulo: Cortez Editora. 2ª edição.
- _____. (2014). *Organização e Gestão da Escola: teoria e prática*. 5ª edição Goiânia: Alternativa.
- Lopes, A. et all. (1991). *Repensando a Didática*. São Paulo: Papirus.

- Lopes, R. C. S. (2009). *A relação professor aluno e o processo de ensino e aprendizagem*.
- Menezes, L. (2000). *Matemática, linguagem e comunicação*. Millenium.
- Menezes, L., Ferreira, R. T., Martinho, M. H., & Guerreiro, A. (2014). *Comunicação nas práticas letivas dos professores de matemática*. In J. P. Ponte (Org.), *Práticas profissionais dos professores de matemática* (pp. 135-161). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Morin, E. (2016). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Brasil.
- Morosi, E. (2003). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: Loyala.
- NCTM. (2007). *Princípios e normas para a matemática escolar*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Oliveira, S. (2002). *Metodologia Científica Aplicada ao direito*. Brasil: Thomson.
- Padilha, (2017) *Planejamento dialógico como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.
- Pieron, H. (1969). *Dicionário de psicologia*. Porot alegre globo.
- Rampazzo, L. (2009). *Metodologia Científica*. São Paulo: Loyala.
- Rodrigues, M. (1976). *Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano*. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil,
- Rosa, P. R. S. (1999). *O que é ser professor?*. Premissas para definição de um domínio na área do ensino de ciências. Universidade federal de MS: Campo grande-MS.
- Silva, M.G.P. (1996). *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo, Gente,.
- Silva, M. C. (2020). *Ensino das escritas na alfabetização: Como promover a aprendizagem das crianças*. Linhas Cuticas.
- Tiba, I. (1998). *Ensinar aprendendo*. São Paulo: Editora Gente.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação*. Lisboa: Caluaste.

Valdez, D. (2002). *As relações interpessoais e a Teoria da Mente no contexto educativo*. Pátio Revista Pedagógica, Porto Alegre, Artmed, ano VI, v.23, set/out

Vasconcellos, C. S. (2009). *Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente*. São Paulo: Cortez.

Valerien, J. (2005). *Gestão da Escola Fundamental: Subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento*. São Paulo: Cortez.

Veiga, I. (2014). *Projeto pedagógico da escola: uma construção possível*. 24ª edição SP: Papyrus..

Zilberman, R. (2005). *Como e por que ler a literatura infantil da educação brasileira*. Rio de Janeiro:

APÊNDICES



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

Guião de entrevista dirigido aos professores da escola São Francisco de Assis.

1.Os professores acham importante dialogar com os alunos?

2.Como o professor incentiva seus alunos a participarem da aula?

3.O que o professor considera, como sendo mais importante em sua aula, o que ensina ou que seus alunos aprendam?

4.Qual a estratégia, que os professores utilizam para manter os alunos interessados na aula?

5.O que mais inquieta o professor na relação com os seus alunos?

6.Como os professores solucionam os conflitos em sala de aula?



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

Inquérito

Tema: O REFLEXO DA INTERAÇÃO PROFESSORES/ALUNOS NA APRENDIZAGEM: O CASO DA ESCOLA SÃO FRANCISCO DE ASSIS N°3064-CAZENGA,2022/2023

1. Enquanto Professor/Aluno como classificas a relação na sala de aula positiva?
 - a. Sim_____;
 - b. Não_____;
 - c. Talvez_____.
2. Acreditas que o processo de aprendizagem depende muito da interação entre ambos?
 - a. Sim_____;
 - b. Não_____;
 - c. Talvez_____.
3. Confirmas ter presenciado aula onde não houve influência da comunicação?
 - a. Sim_____;
 - b. Não_____;
 - c. Talvez_____.
4. Que importância tem a interação entre ambos?

Data____/____/____

ANEXOS



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

À

DIRECÇÃO DA ESCOLA SÃO FRANCISCO
DE ASSIS Nº3064 – CAZENGA

LUANDA



CREDENCIAL

Ref.: 347/DAC/ISA/023

Melhores Cumprimentos.

Excelência,

O Instituto Superior de Angola – ISA, aprovado pelo Decreto Presidencial nº 168/12 de 24 de Julho, com sede em Luanda, bairro da Pedreira, município de Cacuaco, apostado na formação de quadros qualificados na investigação científica para dar respostas às necessidades locais e nacionais de acordo com as orientações emanadas pelo Executivo Central.

Havendo a necessidade de credenciar e enviar nos diferentes locais para pesquisar a temática do Trabalho de Fim de Curso para obtenção do grau de Licenciatura em

PEDAGOGIA o (a) estudante:

NOME: **HÉLIO MÁRIO FERNANDES MACONGO**

TEMA: **O REFLEXO DA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA**

**APRENDIZAGEM: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA SÃO FRANCISCO DE
ASSIS Nº3064 DO CAZENGA DO ANO LECTIVO 2022-2023.**

Vimos por intermédio desta, solicitar os vossos ofícios, no sentido de autorizar o estudante a realizar a pesquisa/recolha de dados na instituição que vossa excelência mui dignamente dirige.

Certo da vossa especial atenção de sempre, reiteramos os nossos respeitosos cumprimentos.

INSTITUTO SUPERIOR DE ANGOLA, em Luanda aos 05 de Dezembro 2023.

O Vice – Presidente Para os Assuntos Científicos

WALDANO HELEK NATXARI WANGA